

Motricidade Vital: uma nova ontologia regional

Coletivo Motricidade Vital - CoMoVi¹

Resumo: O artigo apresenta os princípios e construtos da Motricidade Vital a partir de mapas conceituais. Metodologicamente optou-se pela cartografia, tomada como guias/mapas de leitura da realidade, como modo de orientar e situar nossas compreensões e percepções e, por não serem estruturas rígidas, convidam a explorar possibilidades e eleger caminhos, compondo o fluxo das ocorrências dos fenômenos epistêmicos assumidos pela Motricidade Vital. Ao final, propõe um glossário de termos considerados relevantes para compreensão conceitual dessa concepção ora socializada com a comunidade e interessados.

Palavras-Chave: Práxis criativa. Motricidade Vital. Glossário.

Abstract: The article presents the principles and constructs of Vital Motricity from concept maps. Methodologically, cartography was chosen, taken as guides / maps for reading reality, as a way of orienting and situating our understandings and perceptions and, because they are not rigid structures, they invite us to explore possibilities and choose paths, composing the flow of occurrences of phenomena epistemic aspects assumed by Vital Motricity. At the end, it proposes a glossary of terms considered relevant for conceptual understanding of this concept, now socialized with the community and interested.

Keywords: Creative praxis. Vital Motricity. Glossary.

Introdução

O trabalho que apresentamos nestas páginas é uma continuação daquele que abre este Dossiê: “Motricidade humana e a perspectiva sócio-histórica para a Motricidade Vital”. Se o primeiro texto se ocupou em descrever os antecedentes que nos conduziram à Motricidade Vital (MV), nesse desenvolvemos os princípios, os fundamentos e os seus construtos.

As palavras de Morin, que seguem abaixo, dão-nos asas para propor uma ontologia regional que, a partir do paradigma da complexidade por ele formulado, e nos ajuda a posicionar-nos no mundo da incerteza e da aventura deste emaranhado século XXI.

Sei que, na aventura do cosmos, a humanidade é, de maneira nova, sujeito e objeto da relação inextricável entre, de um lado, o que une (Eros) e, do outro, o que nos opõe (Pólemos) e o que destrói (Tânatos). O partido de Eros é incerto, pois pode cegar-se e demanda inteligência, mais inteligência, assim como amor, mais

¹ O Coletivo Motricidade Vital (CoMoVi), como grupo de pesquisa, iniciou seus trabalhos em outubro de 2020 e é formado por cinco integrantes, são eles: Dr.^a Eugenia Trigo (Galícia – Espanha); Dr.^a Helena Gil (Porto – Portugal); Dr.^a Marta Genú (Belém – Brasil); Dr. José Pazos Couto (Galícia – Espanha) e Dr. Sérgio Santos (São Paulo – Brasil).

amor. A aventura é mais que nunca incerta, mais que nunca aterrorizante, mais que nunca exaltante. Estamos sendo carregados nessa aventura e devemos nos alistar no partido do Eros (MORIN, 2020, p. 96-97).

Vivemos em um novo mundo que nos deixa perplexos e precisamos de novas questões que nos levem a encontrar alternativas de vida para a vida. Esse é o objetivo principal da Motricidade Vital (MV).

Organizar as diversas ideias que emergiram ao longo dos estudos sobre o tema não foi um processo fácil. Demorou mais de um ano para encontrarmos uma forma de apresentar todo o material que havíamos produzido nas décadas anteriores, dar-lhe uma ordem, uma composição e torná-lo compreensível para o leitor.

Nosso trabalho é epistêmico, não teórico e prático. É uma práxis criativa construída na colaboração coletiva. É um caminho processual, onde o importante são os caminhos que nos conduzem a novas construções. As suas fontes são diversas, tanto em autores de referência das mais diversas áreas do conhecimento como também experienciais. É uma rede de sentidos que se tece à medida que nos descobrimos, que conhecemos o outro, que interagimos juntos para compreender quem somos, para que, e como estamos neste mundo complexo.

Portanto, nossa preocupação é divulgar a Motricidade Vital de dentro para fora, sem perder a vida que sentimos no simples ato de pronunciar a palavra “Motricidade Vital”. Tratamos de responder a pergunta: Como apresentar os princípios e construtos da Motricidade Vital sem perder o sentido da vida plena que nos invade?

A partir de sucessivas reuniões virtuais, metodologicamente decidimos que cada um de nós, membros do CoMoVi (Coletivo Motricidade Vital) escreveria sua própria práxis, ou seja, detalharíamos como fazemos as coisas, como vivemos e interagimos em nossos diferentes grupos de trabalho (equipes, salas de aula, processos de pesquisa, seminários de formação). Esse procedimento é um dos princípios do método cartográfico: a imersão no objeto de estudo, no fenômeno, na vivência.

Uma vez descritas essas experiências, buscamos os elementos comuns que estavam apontados em cada uma de nossas práxis e, com isso, decidimos elaborar um conjunto de mapas que reúnem tanto os aspectos conceituais quanto os experienciais.

Como é uma tarefa muito densa e complexa realizar a descrição detalhada das sinergias provenientes das diversas práxis relatadas - o que desvirtuaria a intencionalidade em divulgar os referências da Motricidade Vital de modo acessível - decidimos pela adoção do método cartográfico como estratégia de organizar e expor os seus princípios e construtos. O artigo é, portanto, uma proposta de apresentação da Motricidade Vital por cartografias autoexplicativas.

Para que alguns termos apontados nos mapas não percam o sentido assumido pelo CoMoVi, ao final apresentamos um glossário que atende as singularidades próprias do processo criativo coletivo.

Motricidade Vital por cartografias

Como os elementos que constituem a Motricidade Vital são dinâmicos e inter-relacionados, a tradução para a linguagem alfabética seria muito longa e, por que não dizer, ineficiente em alguns casos. As representações cartográficas tornam as relações entre os elementos constituintes da MV mais próxima daquilo que vivemos.

As cartografias, vistas como guias/mapas de orientação e leitura da realidade, ajudam a situar nossas compreensões e percepções e, por não serem estruturas rígidas, convidam a explorar possibilidades e eleger caminhos. Sem contar que, ao longo dos processos de investigação, podem receber novos elementos, alterando o fluxo das ocorrências dos fenômenos epistêmicos assumidos pela Motricidade Vital.

Cartografar é traduzir descobertas dos rumos que fomos trilhando, dos tempos que compartilhamos experiências, pensamentos, possibilidades de agir em busca de outros saberes, de outras perspectivas, de outras interações. Ao cartografar preservamos nossos passos e, com eles, nossas memórias.

Enquanto método de pesquisa, a cartografia é uma das possibilidades de se estudar objetos de caráter mais subjetivos e que exigem do pesquisador a habitação de diferentes territórios, na perspectiva de transformar para conhecer, como na produção de conhecimento por meio de pesquisas participativas do tipo pesquisa-intervenção (CINTRA; MESQUITA; MATUMOTO; FORTUNA, 2017)

A cartografia possibilita a problematização de nossos modos de agir, sentir, pensar e relacionar-se em torno dos fenômenos de estudo, da realidade e das subjetividades que compõem o mundo da vida em sua complexa teia.

Por esses, entre outros motivos, elegemos as representações cartográficas como modo de apresentar a Motricidade Vital.

Processo de construção

O processo de preparação destes mapas seguiu as seguintes etapas:

- Revisão de mapas anteriores que havíamos construído nos últimos anos e que nos permitiu guiar nossas próprias vidas, salas de aula e processos de pesquisa. Esses mapas foram ampliados à medida que tínhamos mais referências e vivíamos diferentes experiências com nossos grupos de trabalho.
- Extraímos os elementos centrais de nossas práxis e os situamos nos mapas anteriores.
- Com todas as informações presentes, pensamos que deveríamos organizá-la de acordo com as questões de qualquer investigação: para quê, por que, o quê, para quem, como, além do que a ontologia na qual a MV se baseia, seus princípios e construtos.
- Assim que fizemos uma primeira organização do mapa, continuamos as discussões no CoMoVi para adaptações e transformações até chegarmos à versão final que agora se apresenta.
- A cartografia foi elaborada com o programa *Mindmap* e posteriormente traduzido para o programa *Power-point*, separando os diferentes mapas para poder publicá-lo. É o que agora mostramos.

Os mapas

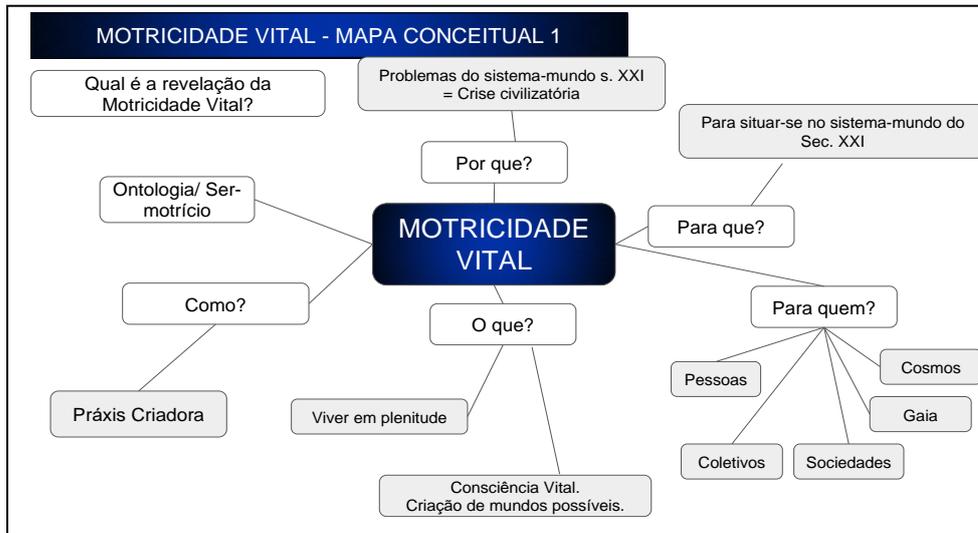


Figura 1 – Mapa conceitual n.1 - Motricidade Vital

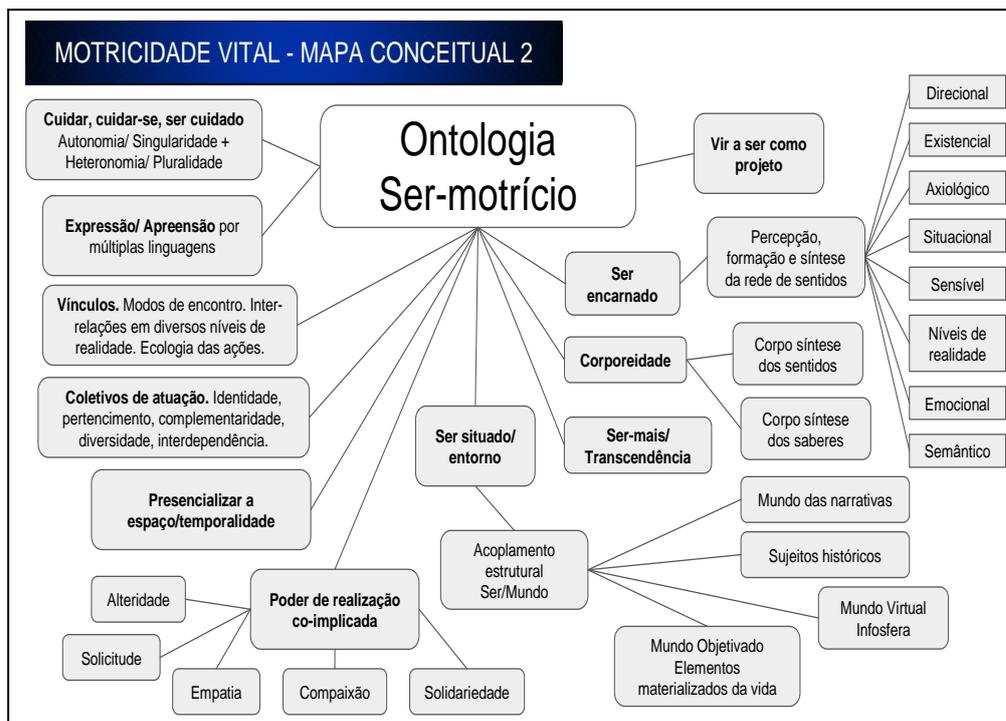


Figura 2 - Mapa conceitual n. 2 - Ontologia do ser-motricício

Os mapas a seguir foram divididos em duas partes, 3A e 3B, 4A e 4B, 7A e 7B para facilitar a visualização.

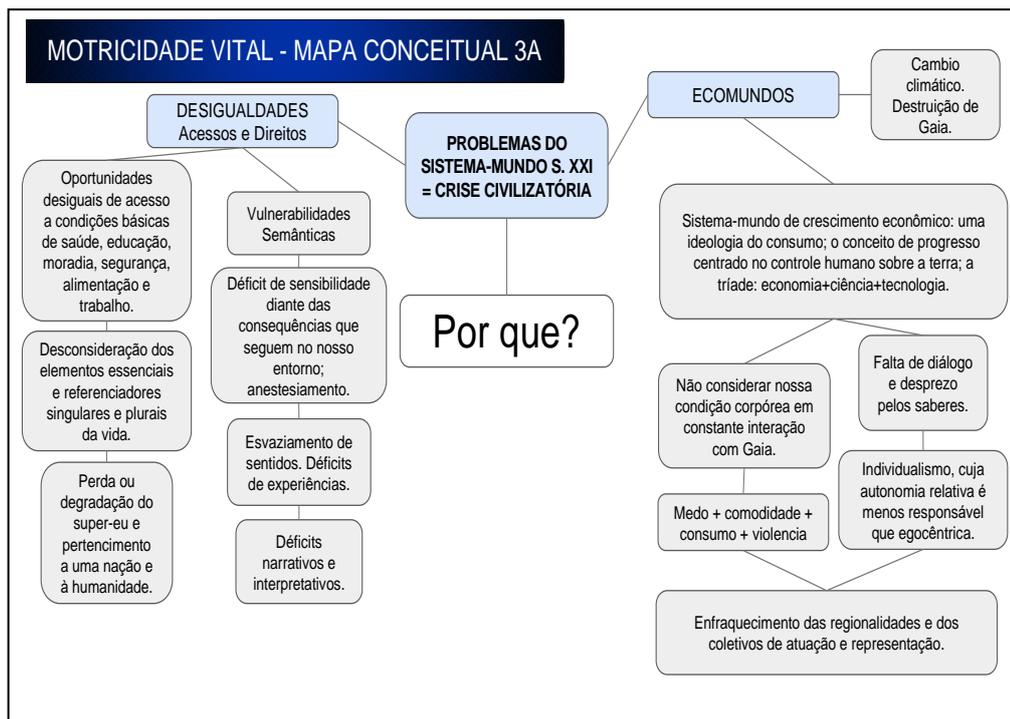


Figura 3 - Mapa conceitual n. 3A - Motricidade Vital, por quê?

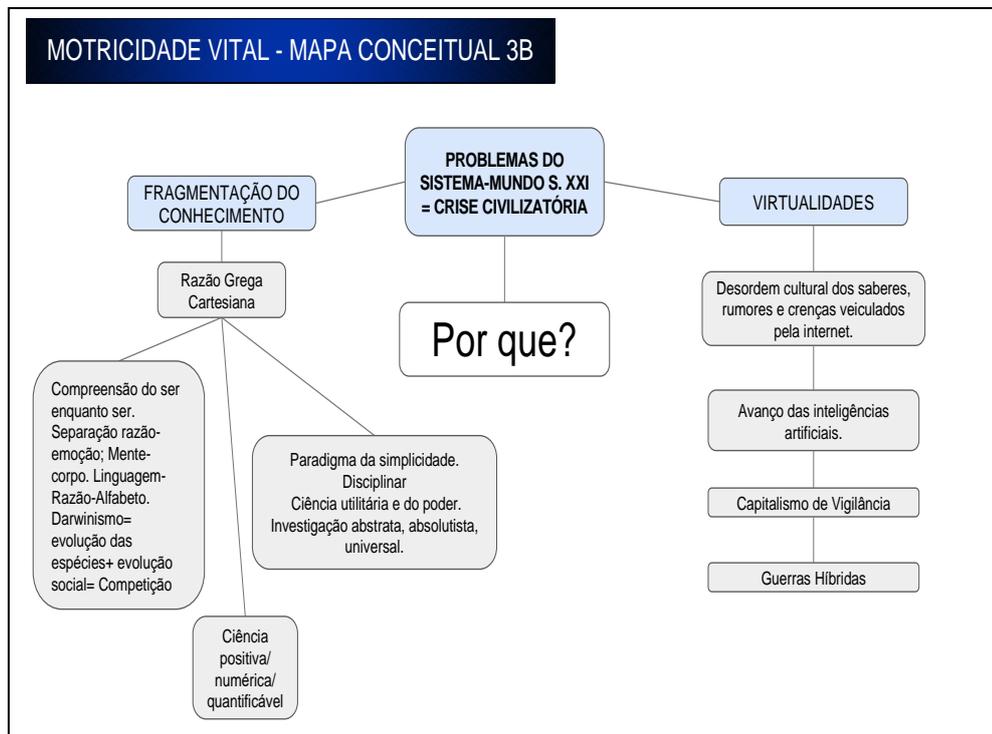


Figura 4 - Mapa conceitual n. 3B - Motricidade Vital, por quê?

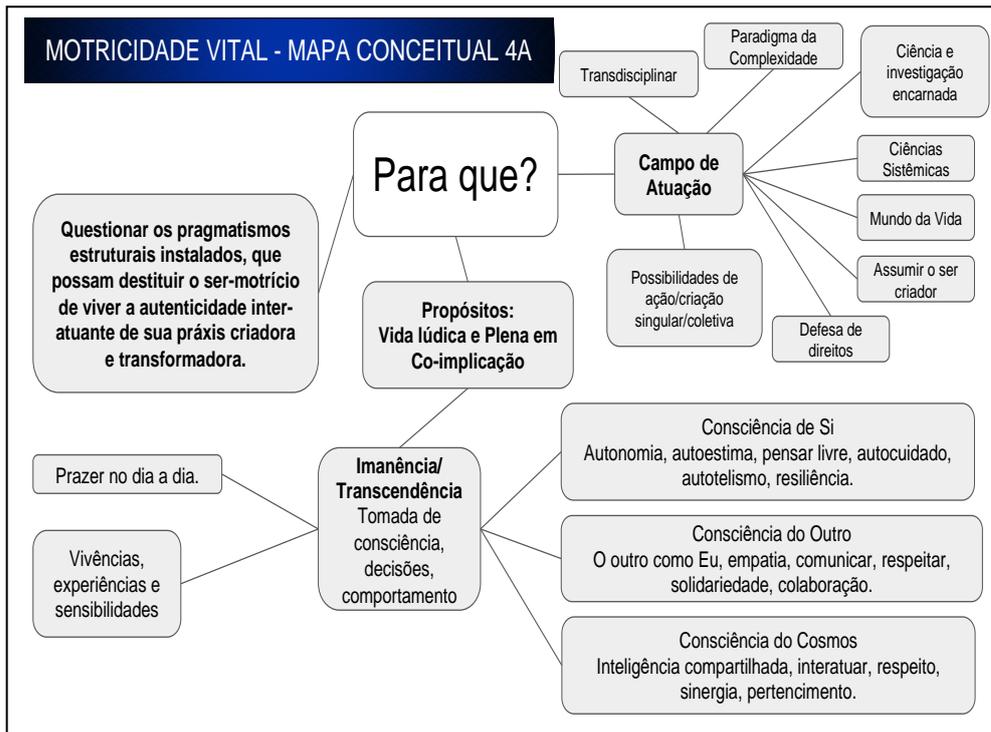


Figura 5 - Mapa conceitual n. 4A - Motricidade Vital, para quê?

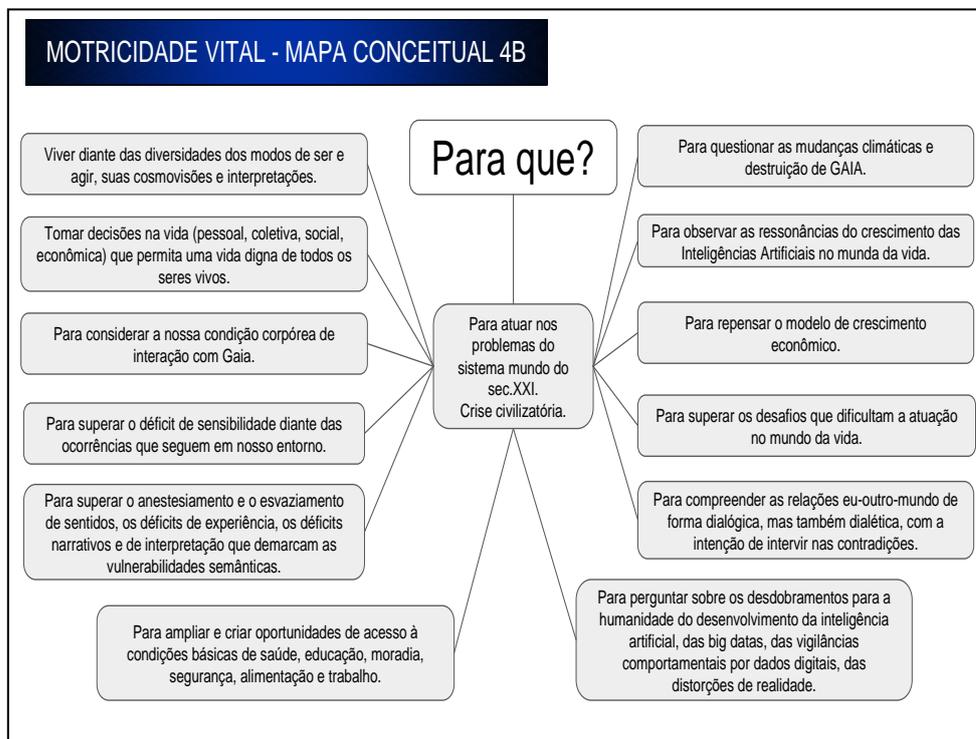


Figura 6 - Mapa conceitual n. 4B - Motricidade Vital, para quê?

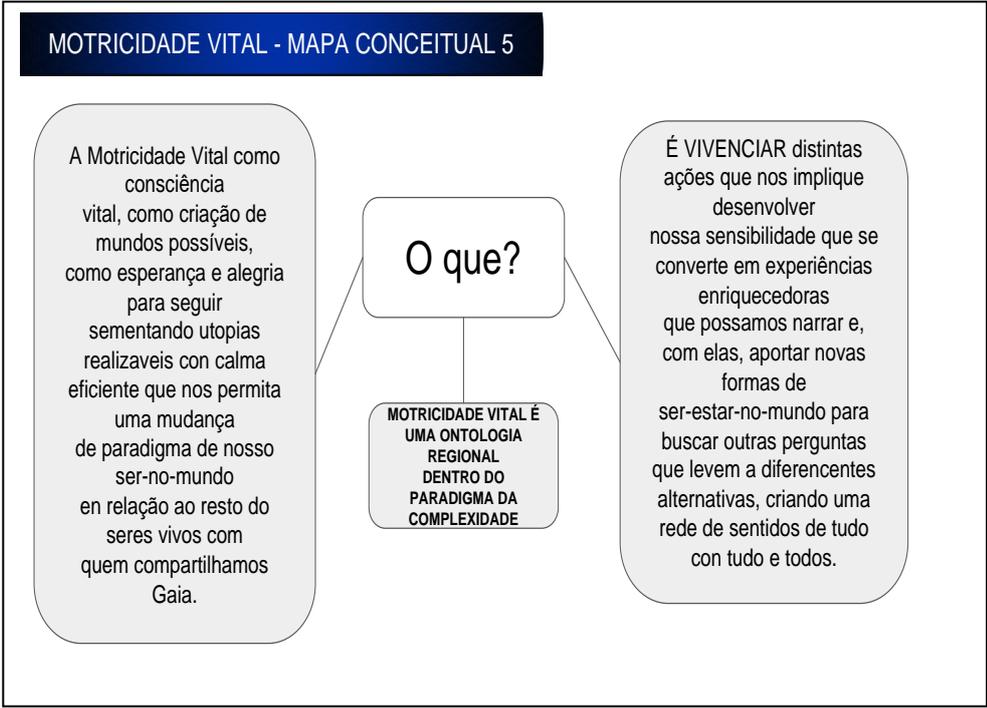


Figura 7 - Mapa conceitual n. 5 – Motricidade Vital, o que?

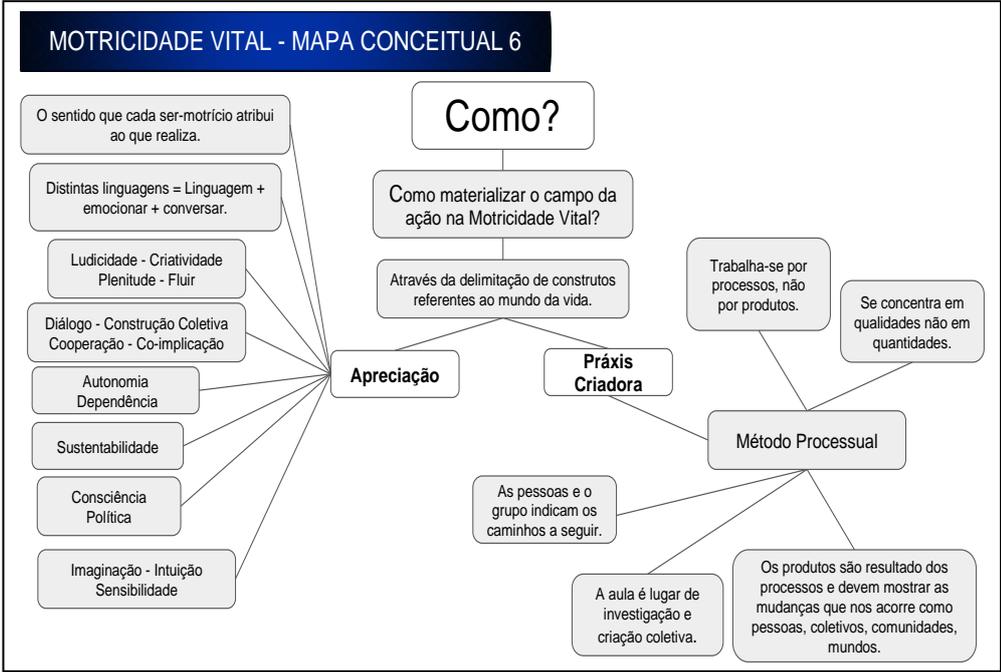


Figura 8 - Mapa conceitual n. 6 – Motricidade Vital – Como?

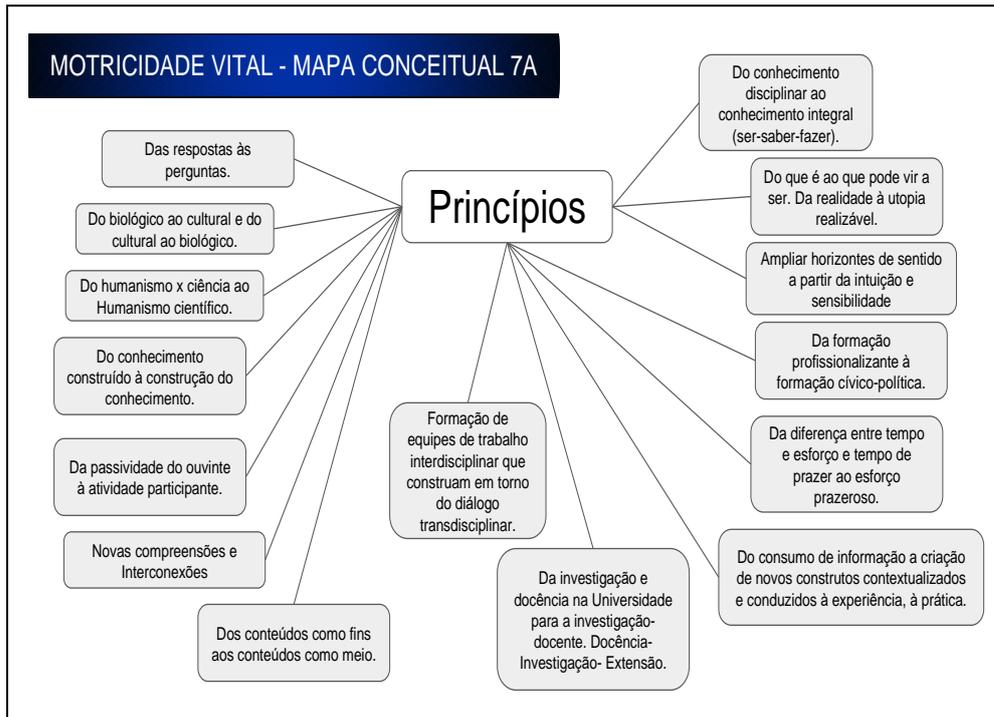


Figura 9 – Mapa conceitual n. 7A. Motricidade Vital – Princípios.

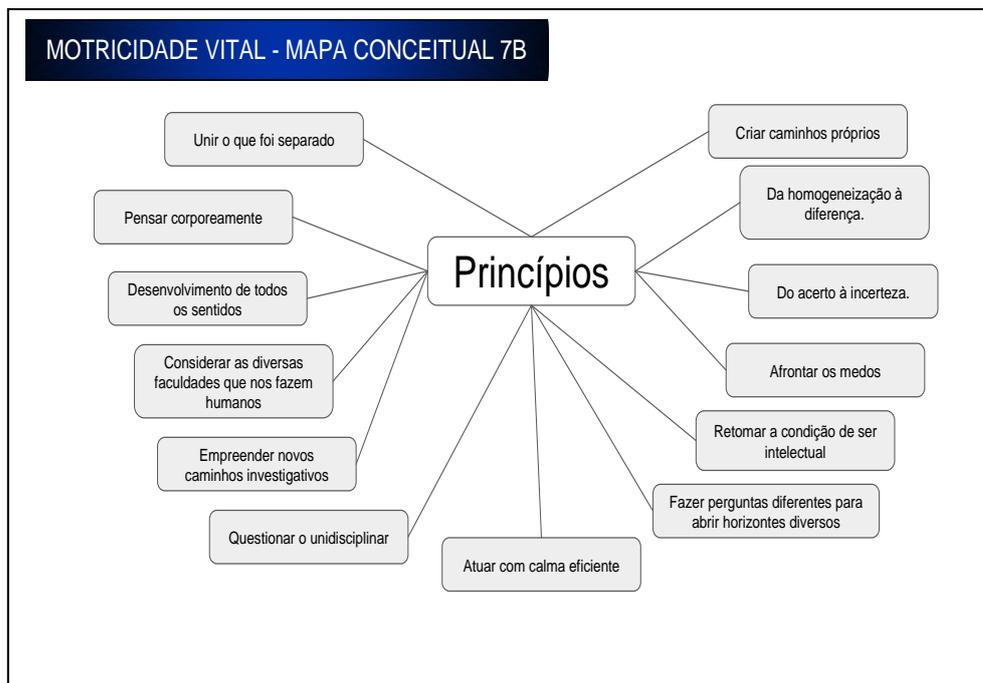


Figura 10 - Mapa conceitual n. 7B – Motricidade Vital – Princípios

Sabemos que não é uma tarefa simples, pois não nos tornarmos romancistas, contadores de histórias, cartunistas, músicos, dançarinos, para dar conta de toda a vida que encontramos mergulhando nos mapas. Mas sabemos que há sim esses horizontes de realização onde os mapas podem dialogar.

Os mapas nos dizem que: a Motricidade Vital é intrínseca à própria vida. Não é uma construção teórica (apenas), não é uma prática (apenas), não é uma experiência (apenas), não é um discurso (apenas). É uma atitude perante a vida, uma forma de ser-e-estar-no-mundo. É um tempo/lugar onde estamos para viver, conviver, aprender e ensinar. É o nosso eixo ontológico-epistemológico-metodológico de construção do conhecimento com outros seres vivos com quem compartilho Gaia e o Cosmos (mapa 2). É, portanto, um novo paradigma porque me permite estudar problemas-mundo de diferentes perspectivas (mapa 3A / 3B) e propor alternativas de vida pessoal e coletiva a partir de vários construtos (mapa 12). A Motricidade Vital é uma ontologia regional dentro do paradigma da complexidade. Porque ciência é saber + conhecer, é conhecer corporalmente (encarnadamente) integrando nossa rede de sentidos em um todo relacional comigo, os outros, o outro (mapa 5).

A motricidade Vital é uma práxis criativa. Porque, como sujeitos criadores de história, inventamos diferentes formas de resolver problemas e não nos contentamos em repetir os sinais comuns e as soluções para novas questões (mapa 6). A Motricidade Vital é baseada em princípios e não em modelos ou formatos. Princípios esses que orientam nossa ação no mundo. Nos orientam no caminho a seguir e nos levam a fazer perguntas novas, curiosas e incômodas (Mapas 7A e 7B).

Decidimos também acompanhar e finalizar esta apresentação com um glossário que reúne os conceitos básicos para que não haja confusão na sua interpretação. Ao propor os eixos fundadores dessa nova ontologia regional chamada de Motricidade Vital, e para que seja possível uma ampliação na compreensão e sua extensão ao mundo da vida, convidamos o leitor a prestigiar e apreciar os textos que apresentam a práxis dos membros do CoMoVi presentes no Dossiê Motricidade Vital.

Glossário:

Ciência encarnada. Etimologicamente encarnado/ da, provem do particípio do Latim *Incarname*, que significa personificar, representar alguma ideia, doutrina, etc. Epistemologicamente refere-se à ruptura dos dualismos mente-corpo; mente-espírito, razão emoção, sujeito-objeto, civilizado-selvagem, oriente-ocidente e assim por diante. Linguisticamente pode-se traduzir como *embodied* e assim encontramos as expressões *embodied knowledge* (conhecimento encarnado), *embodied mind* (mente encarnada), logos encarnado, *science embodied* (ciência encarnada) (CAPRA, 2002), (NÚÑEZ ERRÁZURIZ, 2001), (VARELA, 2000). Ciência encarnada é conhecimento (encarnado) sistematizado (teoria dos sistemas e complexidade), elaborado mediante a apresentação de nossa corporeidade-motricidade-criatividade através dos caminhos investigativos encarnados organizados epistemicamente, e não teoricamente. É conhecimento realizado por si mesmo, enraizado, se leva a todas as partes, não se esconde, é parte vital do ser (TRIGO, 2011).

Conhecimento encarnado. Entendemos o conhecimento na perspectiva de (MORÍN, 1994) como “atividade pela qual o ser humano toma conhecimento dos dados da experiência e tenta compreendê-los ou explicá-los. O ato de conhecer é ao mesmo tempo biológico, cerebral, espiritual, lógico, linguístico, cultural, social, histórico; não pode ser dissociado da vida humana e das relações sociais”. Conhecemos-vivemos

pelos sentidos (sujeito-ambiente), compreendemos a partir e com nossa corporeidade (nosso complexo ser-no-mundo), interpretamos por nossa motricidade (corporeidade em ação para a transcendência), nos projetamos com criatividade (o que está além do visível). Em última instância, encarnar o conhecimento nada mais é do que conhecer de si mesmo (corporeidade) em relação aos outros e ao outro, o que chamamos na Motricidade Vital de relação triádica eu-outro-cosmos.

Corporeidade. Corporeidade provem do termo *Dasein* cunhado pelo filósofo alemão Heidegger. É um vocábulo alemão de difícil tradução. Aponta para um modo particular de ser que é caracteristicamente humano. *Dasein* é ser-no-mundo. Fenômeno unitário, um dado primário, que requer ser visto como um todo e não decomposto em partes. Em espanhol segue sendo traduzido como *corporeidad*. No há um ser que não esteja no mundo, em um mundo que não seja para um ser. Ambos se constituem em simultaneidade e por referência ao outro. A possibilidade mesma de falar do ser e o mundo, separadamente, como sujeito e objeto, deriva desse fenômeno primário de estar-no-mundo (ECHEVERRÍA, 2013, p. 191).

Corpóreo/motricio. *Corpóreo*, adjetivo qualificado de corporeidade. *Motricio*, adjetivo qualificado de motricidade (TRIGO, 1999).

Consciência. A palavra “consciência” (*consciousness* em inglês) pode definir-se como o conhecimento e a percepção da própria existência, entendida como sensações, emoções, receptividade sensorial e atividade motora (DELGADO, 2001). Vivemos em transparência, segundo Heidegger, quando não estamos na consciência plena de nossos atos (ECHEVERRÍA, 2003) ou, segundo palavras de (DAMÁSIO, 2000), acionamos exclusivamente com nossa consciência central, sem apelar para a consciência ampliada e a moral. É o que ocorre com nossos hábitos diários de sobrevivência (andar, comer, etc.) que nos permite liberdade para a ocorrência de outras ações. Não poderíamos ser seres criadores se tivéssemos que estar continuamente reaprendendo o que já havíamos adquirido. A consciência não está no cérebro. (NOË, 2010) rejeita a teoria de que nossa experiência do mundo se origina de conexões neurais; em vez disso, a consciência emerge de nossa interação com o meio ambiente. O autor explica que não somos o nosso cérebro, mas sim esse que dá origem à consciência ao permitir uma troca entre a pessoa ou o animal e o mundo.

Ecomundos. Trata da efetiva imbricação do ser-no-mundo como complementariedade, onde é constatável a condição de interdependência de tudo como tudo e todos com todos. Uma interdependência complementar que não implica numa fusão que destitui o ser de sua singularidade, mas uma composição que soma as distintas formas de criar e interatuar no mundo, por suas próprias configurações de mundo. Ecomundos é a dinâmica de mundo onde cabem muitos mundos.

Experiência/sensibilidade. Uma experiência não é feita de átomos, moléculas, proteínas ou números, Pelo contrário, é um fenômeno subjetivo que inclui três ingredientes principais: sensações, emoções e pensamentos. Em qualquer momento concreto minha experiência compreende todo o que percebo (calor, prazer, tensão, etc.), qualquer emoção que sinto (amor, temor, ira, etc.) e qualquer pensamento que surja em minha mente. E o que é sensibilidade? Significa duas coisas. Em primeiro lugar, prestar atenção em minhas sensações, emoções e pensamentos. Em segundo lugar, permitir que estas sensações, emoções e pensamentos me influenciem. Tenho como certo que não devo permitir que nenhuma brisa passageira me leve embora. Mas devo estar aberto a novas experiências e permitir que minhas opiniões, meu comportamento e até mesmo minha personalidade mudem.

Experiências e sensibilidades se alimentam em um ciclo que nunca termina. Não posso experimentar nada se não tiver sensibilidade, e não posso desenvolver

sensibilidade a menos que seja exposto a uma variedade de experiências. A sensibilidade não é uma habilidade abstrata que pode ser desenvolvida lendo livros ou participando de conferências. É uma habilidade prática que só pode amadurecer se for aplicada na prática (HARARI, 2016).

Imanência/transcendência. O significado da palavra transcendência é proveniente de *transcendere*: Por conseguinte, tem o sentido de: passar ao outro lado, superar, ir mais adiante, designando aquilo para o qual se dá a passagem, aquilo que para ser compreendido requer uma passagem para mais além. Heidegger distingue dois sentidos a noção de transcendência: “Esse termo significa primeiro, o transcendente em distinção ao imanente; segundo, o transcendente em distinção ao contingente”. Para ele, os sentidos do termo "transcendência" representam duas linhas fundamentais de interpretação: a epistemológica e a teológica, respectivamente. No primeiro caso, "transcendência" é compreendida como aquilo que não está dentro do sujeito, mas fora dele; no segundo caso, é entendido como “o incondicionado, mas, ao mesmo tempo, o verdadeiramente inatingível: o que nos excede”. Não obstante, Heidegger considera que ambas as posições estão equivocadamente orientadas. Em vez de uma abordagem epistemológica ou teológica, a "transcendência" é, em primeiro lugar, "a constituição original da subjetividade de um sujeito. O sujeito transcende enquanto sujeito, não seria sujeito se não transcendesse. Ser sujeito significa transcender”. Dessa forma, Heidegger resolveu uma pendência que estava relacionada ao fundamento ontológico da subjetividade. Em duas palavras, “ser sujeito significa transcender” (HEIDEGGER, 1997). Em outras palavras, o *Dasein* não existe e então, em algumas ocasiões, ele realiza uma superação, mas existir significa para Heidegger, originalmente, "superar" (*Übersteigen*). Em suma, nem a perspectiva epistemológica nem a teológica apontam na direção certa, uma vez que o problema da transcendência tem a ver com a constituição essencial do *Dasein*, pertence principalmente ao seu ser e não é apenas um comportamento complementar. Heidegger, portanto, designa o fenômeno fundamental da transcendência com uma expressão familiar: "estar-no-mundo" (HEIDEGGER, 1997, p. 196), (MUÑOZ PÉREZ, 2015).

A imanência (ROSENTAL; LUDIN, 2002) do Latim *Immanes*, permanência no interior. Um dos conceitos fundamentais da filosofia especulativa tradicional e das escolas idealistas contemporâneas. O sentido do termo "imanência" parte de Aristóteles. Em seu significado literal, foi aplicado pela primeira vez na escolástica da Idade Média. A concepção moderna de imanência é devida a Kant. A imanência, ao contrário da transcendência, designa a permanência de algo em si.

A crítica imanente é a crítica de uma ideia ou sistema de ideias a partir das premissas das próprias ideias ou sistema dados; a história imanente da filosofia constitui uma abordagem idealista da filosofia como um processo que pode ser determinado exclusivamente por suas próprias leis, excluindo qualquer influência da economia, da luta de classes e das formas de consciência social na evolução das ideias filosóficas. No RAI (Dicionário da Língua Castelhana): fala-se do que é inerente a algum ser ou está ligado de forma indissociável à sua essência, embora se possa distinguir racionalmente dela. “Imanência” é o que é essência permanente no ser humano, o que me faz ser-único-diferente-do-outro. O que, por mais que mude, fica comigo, porque é o que me identifica. É também o que me faz viver agora e aqui como momentos únicos da minha existência. Em síntese, “imanência/transcendência” são inseparáveis, duas caras da mesma moeda. É minha maneira de ser humano entre meu aqui e agora, meu momento presente e meu projeto. É um ir e vir em movimento contínuo, de dentro para fora e de fora para dentro. É vida introspectiva-extrospectiva. Quanto mais avançamos para dentro de si mais avançamos para fora. Como potência

vital temos a capacidade imanente de superar situações limitadoras e transcender para uma nova condição humana no contexto social.

Método processual. Um método que é um não método. É um caminho que se faz caminhando. Não é pré-definido, ele se desenvolve com pessoas em constante interação. É um processo dialógico que se constrói criativamente com base nas necessidades, desejos, possibilidades, questões, contextos em que nos movemos. O eixo de ação são as pessoas e são elas (individual e coletivamente) que orientam os rumos a seguir.

Motricidade Vital. Percepção de nosso ser-corpóreo (estar-no-mundo) que, a partir da incompletude, nos impulsiona a viver e caminhar para ser-mais (transcendência), complicado cooperativamente com o(s) outro(s) e o com o cosmos, a partir de todas as qualidades, línguas, culturas e habilidades que são próprias dos seres humanos, destinados a co-criação de seres humanos /comunidades / sociedades / mundos que permitem a vida digna de todos os seres presentes e futuros. Motricidade Vital é viver afetuosamente, com ética, transcendência e colaboração cósmica. É vivenciar diferentes ações que impliquem em desenvolver nossa sensibilidade, que se converta em experiências significativas, a partir das quais poderíamos narrar e contribuir com novas formas de ser-e-estar-no-mundo, para buscar outras perguntas que nos levem a diferentes alternativas, criando uma rede de sentidos de todos com todos e com o que nos rodeia. Motricidade Vital como consciência integrativa e regeneradora, como criação de mundos possíveis, como esperança e alegria para seguir semeando utopias realizáveis, com calma eficiente, que nos permita uma mudança de paradigma de nosso-ser-no-mundo em relação com os demais seres vivos com os quais compartilhamos Gaia.

Narrativa. O ser-motricio é também um ser narrador porque está enredado entre o que vive e as possibilidades de dizer sobre a história do que se vive. Narrar é um modo de potencializar o sentido das experiências, tem relação com o conhecer. A palavra narrativa vem do grego *gnarrare*, possui a mesma raiz da palavra *gnose*, que quer dizer “conhecimento”. Narrar é uma forma de apreensão e manifestação do conhecimento, porém não pode estar destituída da experiência corpórea no mundo, já que nem tudo que o corpo vive poderá ser traduzida por narrativas.

Ontologia regional. Temos a tendência de argumentar que a ontologia - nossa concepção do caráter da realidade - é o paradigma por trás de todos os outros paradigmas. Tudo o que pensamos, tudo o que fazemos, independentemente da área para onde dirigimos nosso pensamento ou nossas ações, é afetado por essa concepção. Consequentemente, em algum ponto chamar-se-á a ontologia de nosso "paradigma básico". Todas as nossas outras concepções se referem a ele. É possível ir ainda mais longe e desenvolver o que chamamos de ontologias "regionais". Isso implica desenvolver visões ontológicas sobre áreas ou domínios particulares da realidade. Desta forma, podemos falar de um olhar ontológico no trabalho educacional, ou no trabalho empresarial, ou no trabalho espiritual, etc. Qualquer domínio da realidade humana permite, consequentemente, sua reconstrução ontológica (ECHEVERRÍA, 2016).

Práxis criadora. Atividade transformadora dos seres humanos, na História, em contínua dialética com a teoria. Conhecimento emancipatório. Tudo o que, através do indispensável contributo da motricidade, contribui para a manutenção e desenvolvimento da humanidade. Não é apenas uma tarefa espiritual ou especulativa, mas algo que, objetiva e materialmente, transforma a realidade. A teoria isolada não tem eficácia real. Só o tem quando se traduz em conduta motricia. A prática é a teoria materializada e a teoria é a prática formalizada (SÉRGIO, 1999).

Paradigma da complexidade. À primeira vista, a complexidade é um tecido (*complexus*: o que é tecido junto) de constituintes heterogêneos inseparavelmente associados: ela apresenta o paradoxo do um e dos muitos. Olhando mais de perto, a complexidade é, efetivamente, o tecido de eventos, ações, interações, feedbacks, determinações, perigos, que constituem nosso mundo fenomenal. Paradigma de distinção / conjunção que permite distinguir sem desarticular, associar sem identificar ou reduzir. Esse paradigma incluiria um princípio dialógico e translógico, que integraria a lógica clássica levando em conta seus limites de fato (problemas de contradições) e de jure (limites do formalismo). Carregaria em si o princípio da *Unitas multiplex*, que escapa da unidade abstrata pelo topo (holismo) e pelo fundo (reducionismo) (MORIN, 1997, p. 32-34).

Ser-encarnado. O termo “encarnado” como proveniente de “encarnar”, do latim *incarnare* que significa “tornar carne”, personificar, representar alguma ideia, doutrina, incorporar, tornar próprio ao corpo. (SANTOS, 2016, p.45); (TRIGO, 2011, p.91).

Vivência. Vygotsky (1994), citado por Guzmán Gómez e Saucedo Ramos (2015) propôs a noção de vivência como unidade indivisível em que se encontra representada tanto o ambiente em que a pessoa vive com o que ela mesma experimenta, ou seja, entre as características pessoais e situacionais. Nas palavras do autor: “A vivência da criança é aquela unidade simples sobre a qual é difícil dizer se representa a influência do meio sobre ela ou uma peculiaridade da própria criança. A vivência, como unidade indivisível entre o exterior e o interior, seria a parte subjetiva da cultura” (ESTEBAN 2011, citado por: GUZMÁN GÓMEZ; SAUCEDO RAMOS, 2015), pois no processo de interiorização e exteriorização não há reprodução / transmissão linear, mas sim a pessoa recebe o exterior (discursos, imagens, signos, interações) e os apropria de formas muito diversas, expressando a compreensão do que é recebido de acordo com o padrão cultural em que se encontra, mas já com uma nuance subjetiva e transformadora.

Nem toda vivência se torna significativa (compreendida, aceita, negociada internamente) para a pessoa. Mas aqueles que são, dão origem ao surgimento de uma experiência. Para construir a parte significativa da experiência, a pessoa entra no campo da elaboração do sentido. Se a experiência é “o que nos acontece”, que nos constrói, faz sentido quando através da linguagem e dos processos semióticos lhe damos um canal como orientação das nossas ações. Como acabamos de mencionar, existem experiências que não fazem sentido para nós, não sentimos que as construímos. As experiências que nos importam implicaram, por sua vez, um conjunto de vivências através das quais nos abrimos internamente para aceitar, recriar e aproveitar o que recebemos de fora. O fio condutor entre vivências e experiências é o sentido. Mas se trata de um sentido construído pela pessoa por meio de suas apropriações da linguagem e das práticas com os sentidos que ela conquistou em suas trajetórias de vida.

Em suma, as vivências são uma unidade indivisível entre o exterior e o interior da pessoa. Tornam-se significativos na sua integração dinâmica e situada e tornam-se experiências quando a pessoa reúne um conjunto deles para perceber que “o que lhe acontece”, “o que lhe interessa” é significativo. O sentido entra, então, como forma de articular experiência e vivência como elemento de motivação, de orientação das ações e, assim, de ter clareza sobre o que é “aquilo que vale a pena” (GUZMÁN GÓMEZ; SAUCEDO RAMOS, 2015).

Referências

- CINTRA, A.M.S.; MESQUITA, L.P.; MATUMOTO, S.; FORTUNA, C.M. Cartografia nas pesquisas científicas: uma revisão integrativa. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 29, n. 1, p. 45-53, jan.-abr. 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/fractal/v29n1/1984-0292-fractal-29-01-00045.pdf>>. Acesso em: 11 maio 2021.
- CAPRA, F. *Las conexiones ocultas. Implicaciones sociales, medioambientales, económicas y biológicas de una nueva visión del mundo* (D. Sempau, Trans.; 1ª ed., Vol. 1). Anagrama, 2002. (The Hidden Connections)
- DAMÁSIO, A. *O mistério da consciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- DELGADO, J. M. R. *La mente del niño*. Cómo se forma y cómo hay que educarla. México: Aguilar, 2001.
- ECHEVERRÍA, R. *Ontología del lenguaje*. Chile: J.C. Sáez, 2003.
- ECHEVERRIA, R. ¿Qué es el ser humano? Una mirada desde la ontología del lenguaje. (mp4), 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?m=MjU5svZoFwY>>. Acesso em: 15 de maio 2021.
- ECHEVERRIA, R. ¿Qué es la ontología? 2016. Disponível em: <<https://www.ficop.org>>. Acesso em: 15 de maio 2021.
- GUZMÁN GOMEZ, C; SAUCEDO RAMOS, C.L. Experiencias, vivencias y sentidos en torno a la escuela y a los estudios. Abordajes desde las perspectivas de alumnos y estudiantes. *Revista Mexicana de Investigación Educativa*, v. 20, n. 67, p. 1019-1054, 2015. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=14042022002>>. Acesso em 14 maio 2021.
- HARARI, Y.N. *Homo Deus*. Debate, 2016.
- HEIDEGGER, M. *Filosofía, ciencia y técnica* (3ª ed.). Editorial Universitaria, 1997.
- MORIN, E. *Cambiamos de vía*. Lecciones de la pandemia. Paidós, 2020.
- MORIN, E. *Introducción al pensamiento complejo*. Barcelona: Gedisa, 1997.
- MORÍN, E. *La noción de sujeto*. In D. F. Schitman (Ed.), *Nuevos paradigmas, cultura y subjetividad* (1ª ed., Vol. 1). Paidós, 1994.
- MUÑOZ PÉREZ, E. Trascendencia, mundo y libertad en el entorno de Ser y Tiempo de Martín Hedegger. *Veritas*, v. 32, p. 95-110, 2015. Disponível em: <https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-92732015000100005&Ing=en&nrm=iso&tIng=en>. Acesso em: 14 maio 2021.
- NOË, A. *Fuera de la cabeza*. Por qué no somos el cerebro y otras lecciones de la biología de la consciencia. España: Editorial Kairós, 2010.
- NÚÑEZ ERRÁZURIZ, R. *Mente-cuerpo: una vieja falacia*. *El Mercurio*, domingo 21 octubre, 2001.
- ROSENTAL, M.M.; IUDIN, P.F. *Diccionario de Filosofía*. Cometa Editores, 2002.

- SANTOS, S. A educação do ser-motricício e a práxis criadora. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Educação, UMESP, 2016. Disponível em:<<http://tedemetodista.br/jspui/bitstream/tede/1590/2/SergioSantos.pdf>>. Acesso em: 14 maio 2021.
- SÉRGIO, M. *Um corte epistemológico*. Da educação física à motricidade humana. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.
- TRIGO, E. *Motricidad y creatividad*. España: IDNE, 1999.
- TRIGO, E. *Ciencia e investigación encarnada*. España/Colômbia: IISaber, Colección Léeme, n.8, 2011.
- VARELA, F. *El fenómeno de la vida* (1ª ed., Vol. 1). Dolmen, 2000.

Recebido para publicação em 16-06-21; aceito em 23-06-21